

Recensão de *Danças & Contradanças* de Joanne Harris

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro
www.anaramos.web.pt

Depois da publicação, nos últimos anos, de romances de grande sucesso editorial como *Chocolate*, *Vinho Mágico*, *Cinco quartos de laranja*, *Praia Roubada* e *Na corda bamba*, foi recentemente lançada a colectânea de contos *Danças & Contradanças* da autora inglesa Joanne Harris.

As vinte e duas narrativas que compõem a obra caracterizam-se pela brevidade e condensação das intrigas e, principalmente, pelo carácter surpreendente das temáticas escolhidas, muitas vezes ligadas ao insólito, contendo inúmeros elementos inesperados, como os contos “Falso ouro”, “Um lugar ao sol” ou “Olá, adeus!” permitem ver. Este último retrata com uma ironia cáustica a feira das vaidades em que se converteram muitos acontecimentos da vida privada, fortemente mediatizados e publicitados, numa clara inversão de valores e comportamentos

É, pois, possível surpreender nestes textos uma preferência da autora por assuntos claramente marginais, conotados quer com o fantástico, quer com o maravilhoso, às vezes mesmo próximos do universo da ficção científica de cariz profético, a par de contos que tratam de questões ligadas aos afectos e à necessidade de felicidade da personalidade humana. Os encontros e desencontros caracterizam alguns dos textos mais bem conseguidos da colectânea, repletos de afectividade e de sentimentos, como é o caso de “Fé e esperança vão às compras”, “Chá com pássaros” ou mesmo “Pequeno-almoço nos Tesco’s”. A temática mais ou menos fantástica surge em textos que, recriando um possível mundo paralelo, acabam por reflectir, afinal, sobre a contemporaneidade e os caminhos percorridos pela espécie humana em geral e sobre personagens individuais em particular, numa análise muito penetrante do Homem e das suas motivações, tal como “O curso de 1981”, “Auto-de-fé”, “o Espectador” ou “À espera de Gandalf”, entre outros, dão a conhecer.

Também surgem, de forma muito forte, ironias e críticas mordazes à sociedade contemporânea, aos costumes e comportamentos actuais – principalmente de cariz social – de uma classe média alta em busca de fama e de visibilidade mediática. Neste caso concreto, as mulheres são o alvo preferencial das censuras da autora, tratadas como personagens tipificadas, pela preocupação absurda e excessiva com o aspecto, a beleza, o sucesso, as roupas das marcas da moda e respectivos acessórios. Enfim, o retrato de uma sociedade fútil que vive de aparências e de ostentação, como a retratada em “Qualquer miúda pode ser uma miúda-bombom!”.

Do ponto de vista narrativo, observa-se uma preferência da autora por narrativas abertas, em que o final raramente é conclusivo ou definitivo, mas antes lugar de dúvida, de levantamento de hipóteses e de possibilidades. Neste sentido, compreende-se que, em vários

contos, o último parágrafo – às vezes as últimas linhas, como em “Um lugar ao sol” – seja crucial para a compreensão do texto, obrigando a refazer a leitura que tinha sido feita até aí. A capacidade que os contos têm de surpreender o leitor reside também na dose de inesperado de muitos dos finais escolhidos, fugindo-se ao óbvio e ao previsível, preferindo-se a conclusão com uma nota de perversidade ou uma piscadela de olhos ao leitor, procurando a sua cumplicidade.

O diálogo com o leitor e a proximidade ensaiada com o seu universo está igualmente patente na introdução de todos os contos, uma tentativa de explicação da sua génese, associando cada um dos textos a um estado de espírito, um sentimento ou um desejo de intervenção da autora no mundo que a rodeia. O leitor é, pois, chamado a conhecer as suas rotinas de criação e as experiências encetadas no domínio deste género narrativo em particular, repleto de novidade e que alia muitos elementos aparentemente antagónicos: vida e morte, sucesso e insucesso, amor e ódio, realidade e fantasia, beleza e monstruosidade, bondade e crueldade, vício e virtude, crime e castigo, bem e mal... De todos estes ingredientes, de algum mistério e sedução, se faz a escrita de Joanne Harris, em que cada conto – muitos deles perturbadores, intrigantes – se revela como espaço de reflexão e questionamento da personalidade e comportamento humano.

Joanne HARRIS, *Danças & Contradanças*, Porto, ASA Editores, 2004